

EX-LÍBRIS: ARTE E MEMÓRIA

EX-LIBRIS: ART AND MEMORY

Márcia Della Flora Cortes

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL
marciadfc@yahoo.com.br

João Fernando Igansi Nunes

Doutor em Comunicação e Semiótica/PUC/SP
fernandoigansi@gmail.com

RESUMO

O ex-líbris, marca de propriedade, indica a posse de livros por indivíduos ou instituições. Embora não necessite ter qualidades artísticas para cumprir com a sua função, muitos ex-líbris revelam-se mais que simples artefatos gráficos, são verdadeiras obras de arte em miniatura dotados de valor estético, produzidos a partir de diferentes técnicas de gravura. Diante de um objeto com mais de cem anos, tão antigo e ao mesmo tempo, ainda tão pouco conhecido no Brasil que representa a cultura de uma época, gostos e predileções de indivíduos e instituições, é relevante o estudo dessas marcas em acervos públicos e particulares. Com isso, esse trabalho tem o objetivo de refletir sobre o ex-líbris como um objeto de arte que contém substrato para a memória. Para tanto, como metodologia realizou-se uma revisão de literatura, selecionaram-se exemplares produzidos pelo artista plástico brasileiro Marcelo Calheiros e realizou-se uma breve análise de elementos visuais que os compõe, sua contextualização e expressividade baseado em uma entrevista não estruturada com o mesmo. A partir daí, podemos compreender a existência de um padrão estético e dinâmico que marca o estilo de um artista e reflete também o pensamento e identidade do proprietário de livros.

Palavras-chave: Ex-líbris. Arte. Memória.

ABSTRACT

The ex-libris, a property mark, indicates ownership of books by individuals or institutions. Although they do not need to have artistic qualities to fulfill their function, many ex libris are more than just graphic artifacts, they are true miniature works of art with aesthetic value, produced from different engraving techniques. Faced with an object that is more than 100 years old, so old and yet so little known in Brazil that represents the culture of an era, tastes and preferences of individuals and institutions, the study of these marks in public and private collections is relevant. Thus, this work aims to reflect on the ex-libris as an art object that contains substrate for memory. For this, as methodology, a literature review was carried out, copies produced by the brazilian plastic artist Marcelo Calheiros were selected and a brief analysis of the visual elements that compose them, their contextualization and expressiveness based on an unstructured interview with the author same. From this we can understand the existence of an aesthetic and dynamic pattern that marks an artist's style and also reflects the thinking and identity of the book owner.

Keywords: Ex-libris. Art. Memory.

Introdução

A arte e a memória são categorias entrelaçadas, não há sentido em produzir arte se não tivermos impacto na memória, no modo como vemos o mundo e como agimos. A arte influencia a atividade humana e dela resultam produtos de grande valor econômico, cultural, social e científico. Nesse contexto, aponta-se os ex-líbris, marcas de propriedade que servem para indicar a posse de um livro. Embora não necessitem ter qualidades artísticas para cumprir com a sua função, muitos ex-líbris revelam-se mais que simples artefatos gráficos, são verdadeiras obras de arte em miniatura dotados de valor estético, produzidos a partir de diferentes técnicas de gravura.

Diante de um objeto com mais de cem anos, tão antigo e ao mesmo tempo, ainda tão pouco conhecido no Brasil que representa a cultura de uma época, gostos e predileções de indivíduos e instituições, é relevante o estudo dessas marcas em acervos públicos e particulares. Além do mais, documentam relações entre um homem e um objeto, e acompanham as transformações artísticas que marcaram a sociedade. Com isso, esse trabalho tem o objetivo de refletir sobre o ex-líbris como um objeto de arte que contém substrato para a memória, carregando traços que representam tanto o artista quanto o proprietário de livros.

Para tanto, como metodologia elaborou-se uma revisão de literatura em obras de autores como: Bertinazzo (2012), Machado (2014), Esteves (1956), Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Argan e Fagiolo (1992). Ainda, foram selecionados exemplares de ex-líbris produzidos pelo artista plástico brasileiro Marcelo Calheiros para marcar a propriedade de seus livros e sua coleção pessoal e ainda para marcar a propriedade de livros e coleções de outras pessoas¹. A partir daí, realizou-se uma breve análise de elementos visuais que compõe esses ex-líbris, sua contextualização e expressividade baseado em uma entrevista não estruturada com Marcelo. Com isso, podemos compreender a existência de um padrão estético e dinâmico que marca o estilo de um artista e reflete também o pensamento e identidade do proprietário de livros.

Ex-líbris: breves considerações

O ex-líbris surgiu do sentimento de posse que um leitor cuidadoso ou bibliófilo normalmente sente pelos seus livros. O zelo, a preocupação e o cuidado fazem com que uma

¹ Esse trabalho preocupa-se especialmente em observar o caráter artístico e recorrente que marca o trabalho de um artista e a temática que revela predileções de proprietários e assim, memórias e identidades, independente de ser parte de coleção ou marca de propriedade.

pessoa sinalize que determinados livros são seus e lhes pertencem, indicando através da marca de propriedade, que pode ser inserida ou colada no livro.

A expressão ex-líbris originou-se do latim e em português significa “dos livros de”. A prática de utilizar essa marca de propriedade, conforme Machado (2014, p. 11) “remonta a 3500 anos. É uma tabuleta de faiança azulada, utilizada como tampa da caixa, onde se guardavam os rolos de papiro do *Livro de Sicômoro e da Tamareira*, pertencente à biblioteca do faraó Amenófis III, que viveu e reinou cerca de 1.400 A.C.”

Machado (2014, p. 11) explana na obra “Livros dos ex-líbris”, as diferentes tipologias dessa marca de propriedade, obtidas por meio de: assinatura, marca de ferro em brasa, carimbo, impressão tipográfica e outras. Entretanto, o autor destaca que a partir do século XIX, o ex-líbris é entendido como uma etiqueta produzida a partir de processos de gravura, como: água forte, buril, linóleo, xilogravura, entre outras e é colada no livro. Ao citar Matos, Esteves esclarece o conceito de ex-líbris:

[...] é indicativo de propriedade, uma marca de posse bibliográfica, que vai desde o nome do possuidor, manuscrito na capa, folha de guarda ou primeiras folhas do volume, até a folha solta de papel, pano ou pele, de mais ou menos reduzidas dimensões, onde estão manuscritos ou impressos desenhos ou dizeres e que aparecem apostos geralmente no ante rosto do volume, encadernado ou brochado [...] (MATOS apud ESTEVES, 1956, p. 31).

Esse objeto possui dimensões e formatos variados como quadrados, retangulares, triangulares, ovais, elípticos e foram influenciados pelas tecnologias utilizadas na época em que foram produzidos. Machado (2014, p. 49) esclarece que “No início seguia-se um padrão quase exclusivo: todos retangulares mais altos do que largos. No século XVII, surgem os ex-líbris ovais e, mais raros, os redondos. Com o romantismo acentuou-se a preferência pelos ovais, então uma velha novidade que ressurgia.”

Observa-se que os movimentos artísticos influenciaram a adoção e uso de determinados formatos, ou seja, a arte ditou moda para a produção de ex-líbris. Esse objeto, ao longo dos anos, passou por muitas fases acompanhando, assim como o livro, as transformações sociais, econômicas e artísticas de uma época. Além do mais, a marca de propriedade bibliográfica era inicialmente sinônimo de distinção social, uma vez que poucos tinham o livro, um objeto tão raro e de elevado valor.

Conforme explanado, os ex-líbris faziam parte da cultura de um restrito grupo, como a igreja e a nobreza. Aqueles que possuíam, poderiam ousar e como um sinal de vaidade, buscavam representar através de signos em forma de brasões, o dono da obra, a marca de sua

família, o que sugere um sentimento de orgulho. O ex-líbris também tinha a pretensão de intimidar os ladrões de livros e atuava como um sutil lembrete da propriedade da obra àqueles que a pegavam por emprestado.

Destaca-se que a produção de um ex-líbris envolve tanto o proprietário que deseja representar a sua marca no livro quanto o artista que irá executar a obra. Com isso, entende-se que há um trabalho colaborativo, onde o artista precisa compreender a essência do desejo de seu solicitante, para transformar a ideia em um produto artístico que reflete de forma fidedigna a memória do dono da obra. Bertinazzo (2012) esclarece:

Esses “selos de inteligência” contribuíram para a formação de uma arte inimitável, no mais das vezes acompanhando a vocação artística de cada época. Enquanto se prestavam a identificar o livro, sintetizavam as tendências intelectuais, morais, literárias, científicas, enfim, os traços culturais de seu tempo e os ideais de seu encomendador. (BERTINAZZO, 2012, p. 31).

Com isso, a arte, assim como o ex-líbris, é uma ferramenta, um objeto útil para marcar a propriedade de livros que reflete aspectos da realidade social dos homens e instituições. De modo geral, os primeiros ex-líbris restringiam-se a motivos heráldicos. Por volta do final do século XIX, sob influência do modernismo, de uma sociedade mais liberta e democrática, passaram a ser colecionados e utilizados por um número maior de pessoas, incluindo diferentes temáticas, formatos e qualidades artísticas.

Arte e memória em ex-líbris

A arte está em todos os lugares da terra, ela compreende a forma como o ser humano se expressa e como materializa seus mais profundos sentimentos. Por isso, tem o grande poder de atingir e emocionar as pessoas, seja através de uma obra monumental ou então por meio de uma etiqueta em miniatura, tornando-se um importante fator para o fortalecimento de identidades. Sobre o que é obra de arte, Argan e Fagiolo (2012) afirmam:

Pode considerar-se obra de arte um complexo monumental e até uma cidade inteira, e podem considerar-se obras de arte em si mesmas as coisas que constituem aqueles conjuntos (edifícios religiosos e civis, públicos e privados; ruas, praças, parques; pontes, estátuas, fontanários, etc.). No extremo oposto da escala dimensional, podem ser arte as miniaturas ou as gravuras que ornamentam as páginas de um livro, as pedras preciosas, as moedas, etc. (ARGAN E FAGIOLO, 1992, p. 13).

Concordando com os autores, independente da função prática e da técnica utilizada, é o valor artístico que dá o caráter à obra de arte, relacionado a forma com que se percebe e

representa a mesma. Desse modo, artefatos gráficos, assim como ex-líbris podem ser obras de arte, ao representar e ser percebido como um objeto com significado.

Os ex-líbris são reflexo da evolução humana, um objeto criado para manifestar o sentimento e a realidade dos proprietários de obras que evolui de acordo com o contexto histórico. Por isso, compreende-se que são resultado de uma manifestação cultural que incorpora pensamentos e sentimentos, logo é um objeto dotado de arte, mesmo que não tenha a pretensão de agradar a todos os gostos e preferências estéticas², tem a capacidade de provocar reflexões, dar consciência de conflitos e problemas inerentes ao homem.

Conforme Tota (2000, p. 103) “a memória tem a sua sede não apenas na mente das pessoas, mas também nos objectos, nos artefactos culturais e simbólicos”. Corroborando com a autora, a memória busca na materialidade dos objetos aflorar lembranças, ou seja, “a atividade da recordação é influenciada, determinada e enriquecida por múltiplos artefactos em que aquele fragmento de memória objectivou”. (TOTA, 2000, p. 103).

Compreende-se assim, que os ex-líbris são artefatos gráficos que registram a memória ao representar pessoas ou instituições através de signos que sinalizam a vida social, costumes, paisagens, profissões, sentimentos e outros elementos que faziam parte de uma sociedade. Logo, são verdadeiros documentos em potencial, visto que estabelecem ligações entre um objeto e uma pessoa, seja em coleções ou mesmo com um único livro.

Destaca-se que a arte do modernismo, desempenhou um papel substancial nas artes gráficas influenciando a comunicação visual dos meios impressos. Esse processo despontou em decorrência das novas necessidades sociais provocadas pela revolução industrial, adotando novos conceitos sobre desenhos, os quais eram produzidos em cartazes, folhetos de publicidade, logotipos, catálogos e inclusive ex-líbris.

É através da arte que o pensamento humano toma forma e materializa-se. Os ex-líbris, enquanto objetos produzidos pelo homem, revelam o próprio homem, as suas escolhas, os seus objetivos, as suas aspirações, o seu orgulho, suas paixões, o que lhe dá prazer e o que também causa dor.

Com isso, é uma espécie de espelho que reflete aspectos da imagem do homem ou de uma instituição, criado para marcar a propriedade e representar. Corroborando com a abordagem de Santaella e Nöth (1999, p. 20) a representação consiste em “reproduzir algo

² Compreende-se que a estética está relacionada não apenas ao que é belo, mas a sensibilidade, a percepção dos sentidos e a experiência sensorial como um todo e como a arte age na vida da sociedade.

alguma vez já presente na consciência” e com isso entende-se que os signos presentes nos ex-líbris nos lembram de algo, possibilitando a rememoração.

Logo, os ex-líbris são suportes para a memória. Conforme Ricoeur (2007, p. 248) “[...] é em termos de representação que pode ser formulado o alvo da memória enquanto é dita do passado”. A partir dessa argumentação, entende-se que o ex-líbris, consubstancializa a memória de um indivíduo ou mesmo instituição, que está ausente, mas presente através dos rastros.

Rastros, vestígios, pistas e índices são termos sinônimos que autorizam, por um trabalho de indução permeado pela intuição e pela imaginação, concluir a existência de acontecimentos que se encontram obscurecidos, porém, relacionados a circunstâncias conhecidas. O obscurecimento das lembranças está intimamente vinculado à memória, ou seja, o ser humano está naturalmente sujeito à lei do esquecimento e vive com este em eterna luta, pois necessita combatê-lo e, simultaneamente, contar com ele. Documentos e monumentos são instrumentos de luta contra o esquecimento, porque introjetam um significado simbólico intimamente ligado à evocação de memórias. Porém, os documentos e monumentos privilegiam certas memórias em detrimento de outras, ou seja, constituem o jogo memória *versus* esquecimento (OLIVEIRA, 2009, p. 110).

Assim, marcas de propriedade de livros atuam como evocadores de determinadas memórias. Com a arte, artistas e proprietários de livros podem ressignificar o que aconteceu, propondo uma nova reflexão sobre o passado e sobre suas relações com a própria atualidade. Nesse aspecto os ex-líbris, hoje, permitem artistas a adotar referências estéticas, históricas e políticas de modo que operem na construção da memória e do esquecimento.

A relação intrínseca entre a memória e a arte, torna os objetos imagem e semelhança de uma época, com poder de exaltar discursos que, mesmo não oficiais, representam a sociedade, impedindo que a memória seja diluída. Com isso, entende-se que marcas de propriedade, como produtos da arte, são vestígios que podem ser admitidos na narrativa e construção histórica, no passado, no presente e futuro.

Considerando-se que a memória é um constructo para a história e para a arte, os ex-líbris são um rastro onde se teve a intenção de perpetuar a memória de um indivíduo que, de alguma forma ou outra, mantinha relações com o mundo a sua volta, por isso carregando traços da memória coletiva.

Dessa forma, o ex-libris registra a memória e torna-se fonte para a história, entretanto é a partir da construção narrativa e interpretação do pesquisador e historiador que esse documento é ativado como fonte cultural. Paul Ricoeur (2007, p. 107) compreende que a memória se constitui de rastros, indícios que nos conectam ao passado pois “ao lembrar de

algo, alguém se lembra de si”. Logo, os rastros são suportes que possibilitam aflorar a memória.

Para Halbwachs (1990), a memória é essencialmente uma construção coletiva uma vez que vivemos inseridos em grupos sociais que influenciam aquilo que lembramos pelos laços que são estabelecidos. Ou seja, quanto mais convive-se no interior de um grupo, maiores serão as lembranças que teremos dos indivíduos. Nesse contexto, as memórias presentes nos ex-líbris, embora sejam de um ou mais indivíduos, representam também um grupo social e com isso, pode-se dizer que são objetos evocadores de lembranças individuais e coletivas.

Ex-líbris do artista plástico Marcelo Calheiros

Pode-se dizer que é possível haver uma relação entre a expressão e o conteúdo de uma obra produzida por um artista. Considerando-se que o ex-líbris resulta de um trabalho cooperativo, o artista criador pode deixar a sua marca nos exemplares que produz através de um estilo próprio, de uma técnica utilizada e características que definem a existência de um padrão artístico e estético recorrente que compõe a sua identidade.

Logo, o artista plástico Marcelo Calheiros produz e coleciona ex-líbris. Ainda, utiliza essas marcas de propriedade em suas obras, um exemplo ímpar para compreendermos sua paixão por esses artefatos gráficos. Natural da cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul (RS), é Bacharel em Gravura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atualmente, atua como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul. Sem nunca deixar de lado a carreira artística e suas coleções de objetos gráficos, possui inclusive um ateliê “La Barca” para desenvolver seus trabalhos.

Para uma melhor compreensão dos ex-líbris criados pelo artista Marcelo Calheiros, selecionaram-se desenhos produzidos diretamente nos seus livros, exemplares produzidos para fazer parte de sua coleção pessoal e exemplares produzidos para marcar a sua e a propriedade de livros de outras pessoas.

Observa-se que algumas informações quanto a técnica utilizada, criação do ex-líbris e dados sobre inspiração foram obtidas por meio de entrevista não estruturada com o artista, em julho de 2019. Já as interpretações quanto ao conteúdo das representações das obras são realizadas pela compreensão dos autores desse trabalho sobre cada ex-líbris apresentado. Destaca-se que outro leitor poderá fazer interpretações e leituras diferentes, pois o ex-líbris é uma ferramenta capaz de fazer as pessoas despertarem suas memórias. Conforme Oliveira (2009, p. 109-110, grifo do autor), “as “pistas” e “índices” provenientes de imagens verbais e

não-verbais, especialmente as registradas, permitem, pelos fragmentos, uma busca lógica e elucidativa em determinado tempo e espaço”, ou seja, a partir das percepções, cada pessoa reconstrói o passado a seu modo. Segue abaixo os ex-líbris selecionados:



Figura 1: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A partir da representação do ex-líbris da figura 1, observa-se uma série de pontos, bastante comuns nos desenhos do artista. São respingos de tinta associados ao ofício do artífice para elaborar suas obras, assim como outros objetos a exemplo do rolo, espátula, vidro utilizado para contar gotas de ácido denominado repipetador e pedra litográfica. Observa-se que a cor vermelha se destaca na palavra ex-líbris em contraste aos tons de cinza, pontos e linhas que expressam seriedade, e ao mesmo tempo, provocam a sensação de agilidade e agitação. É interessante destacar que o artista costuma assinar, adicionar uma marca de propriedade impressa e desenhar ex-líbris em seus livros. Embora esses sejam diferentes dos seus ex-líbris impressos, também possuem uma forte simbologia. Esse desenho evoca elementos que fazem parte do ofício de gravador referenciando a litografia. O ex-líbris, figura 1, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção pessoal, no ano de 2011, utilizando-se a técnica de desenho com bico de pena.



Figura 2: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

As velas e mastros representados na figura 2 direcionam nosso olhar para as linhas em formas curvas que dão movimento a obra e lembram um barco. Nessa imagem, observa-se novamente elementos que se referem ao ofício de gravador, como rolo, buril, tinta. Temos aqui, a expressão de um artista com uma postura crítica sobre algo a sua volta e com isso reflete um momento, é uma ação informativa.

Observa-se que todas as linhas convergem para o centro da imagem, demonstrando a posição de poder contido no personagem da obra. Destaca-se que o artista adiciona dados de onde comprou a obra registrando o histórico da aquisição. Esse ex-líbris, figura 2, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção particular, no ano de 2009, utilizando-se a técnica de desenho com bico de pena.



Figura 3: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A presença de cores claras e suaves na figura 3 transmitem a sensação de tranquilidade na imagem. Ainda, a coroa que envolve o personagem da representação é um símbolo da figura do grafite³ que o artista adotou como estilo e remete ao empoderamento, também muito utilizado pelo artista grafiteiro, Jean-Michel Basquiat. Além disso, uma outra interpretação possível é o poder que o livro confere ao homem, que se apropria do saber, assim como a segurança obtida por meio da leitura. A presença de pontos de tinta, nesse caso, parece suavizar a imagem e as formas arredondadas dão um caráter delicado a obra. Esse ex-líbris, figura 3, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção particular, no ano de 2011, utilizando-se a técnica de desenho com bico de pena e aquarela.

³ O grafite é uma inscrição feita em paredes, caligrafada, um desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para esta finalidade. Por muito tempo, foi rejeitado pelas artes visuais, mas hoje já é reconhecido como uma forma de expressão.



Figura 4: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação contida nesse ex-líbris da figura 4, elaborado quando o artista era professor de gravura, corrobora com o cuidado e zelo pelos seus livros. Compreende-se que a partir do personagem da obra, estende-se uma espécie de língua, que lembra os braços de um polvo, para segurar um livro. As linhas curvas reforçam o caráter de eminente perigo e o fundo vermelho provoca uma sensação de aflição visto que o livro está em risco. Por outro lado, a imagem também parece expressar a ânsia do personagem em sugar as informações contidas no livro afim de apropriar-se do conhecimento. A presença de pontos reforça o sentimento de agitação e as linhas fechadas formam uma massa preta que destaca o livro. Esse ex-líbris, figura 4, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros, no ano de 2011, para sua coleção particular, utilizando-se a técnica de litografia.



Figura 5: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista



Figura 6: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação da imagem de barco é recorrente na produção do artista e destaca-se que os exemplares, figura 5 e 6, fazem parte de um lote que possui mais de 25 exemplares de diferentes temáticas, das coleções que realizou. Considerando-se que os ex-líbris são espaços onde a arte pode fixar memórias, o artista pode inspirar-se, mesmo que de forma inconsciente, em lembranças da infância quando “era levado a capitania dos portos por um amigo íntimo de seu pai, almirante da marinha, para ver navios, submarinos” (informação verbal)⁴. Observa-se que o contraste da cor de fundo preto com a cor branca resulta do trabalho com vetorização no corel draw, destacando a imagem da caravela, com linhas curvas fechadas e a expressão latina traduzida ao português como “a liberdade por caminho”. Esses ex-líbris, figuras 5 e 6, foram inteiramente produzidos por Marcelo Calheiros para sua coleção particular, no ano de 2018, utilizando-se a técnica offset.

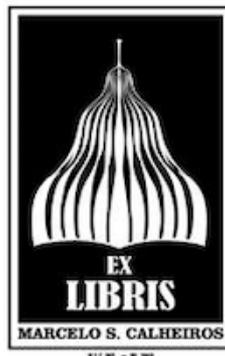


Figura 7: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A presença de linhas finas, na figura 7, que se tornam, em certo momento, espessas em meio a massas de cor preta destacam-se no ex-líbris do artista. Essa representação lembra a cúpula de uma edificação e as linhas trazem a sensação de movimento, equilíbrio e simetria à obra. Esse trabalho, conforme o artista, “foi criado a partir da cúpula de um prédio que não existe mais na cidade de Rio Grande, RS” (informação verbal)⁵, conforme a figura 8.

⁴ Informação verbal fornecida por Marcelo Calheiros em julho de 2019.

⁵ Informação verbal fornecida por Marcelo Calheiros em julho de 2019.



Figura 8: Edificação de Rio Grande - RS. Fonte: Acervo Papareia

A partir das referidas figuras, 7 e 8, podemos observar que os ex-líbris, de fato, documentam edificações, paisagens urbanas e culturais, que ao longo do tempo transformaram-se e até mesmo desapareceram.

Com isso, registram a história e guardam a memória de um passado que pode ser acessado pela sua representação e por isso, possui um grande valor simbólico e documental. Essa mesma imagem, foi inicialmente produzida em xilogravura, conforme figura 9 e concedeu ao artista o primeiro lugar no salão de arte de Rio Grande, conforme figura 10. O ex-líbris da figura 7 foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção particular, no ano de 2018, utilizando-se a técnica offset.

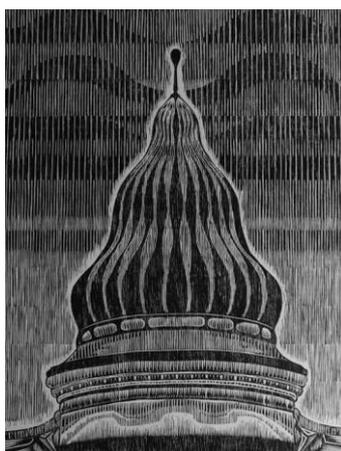


Figura 9: Xilogravura de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista



Figura 10: Prêmio no salão de arte de Rio Grande (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista



Figura 11: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A temática da morte, bastante comum entre ex-líbris, faz parte das representações de Marcelo Calheiros, conforme figura 11. Embora, lembre o macabro a morte é apresentada nesse ex-líbris em um tom cômico visto que é inclusive coroada, pelo símbolo do grafite. As massas de cor preta contrastam com a cor branca, apresentando-se com recorrência na obra do artista, resultado do processo de vetorização no corel draw. A representação possui traços que lembram também a cúpula da edificação da figura 7 e a técnica da xilogravura. Esse ex-líbris, figura 11, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção particular, no ano de 2018, utilizando-se a técnica offset.



Figura 12: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação da caveira, figura 12, novamente envolve a temática macabra. Ao mesmo tempo em que está ligada a morte, é entendida como símbolo da transformação, força e poder diante da efemeridade do mundo material. As massas de cor preta contrastam com a cor branca e lembram as linhas formadas na imagem da cúpula da edificação representada na figura 7. Esse ex-líbris, figura 12, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção pessoal, no ano de 2018, utilizando-se a técnica offset.



Figura 13: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista



Figura 14: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A figura 13 mostra a matriz utilizada para criar o ex-líbris da figura 14. A representação da imagem acima, traz a caveira sob uma prensa, elementos recorrentes que compõe a sua identidade. As cores são bem definidas e as linhas simétricas, harmonizando e equilibrando a imagem. Esse ex-líbris, figura 14, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção pessoal, no ano de 2013, utilizando-se a técnica gravura em relevo.



Figura 15: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista



Figura 16: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A figura 15 mostra a matriz e instrumento de corte, utilizados para criar o ex-líbris da figura 16. Em formato elíptico, possui a representação delicada da caveira segurando uma lamparina. Entende-se que carrega traços do romantismo, com influencia do movimento art nouveau e sinaliza um paradoxo, a tênue linha entre vida e morte. Esse ex-líbris, figura 16, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção pessoal, no ano de 2013, utilizando-se a técnica de gravura em relevo.



Figura 17: Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação da figura 17 lembra um esqueleto humano, entretanto se vista com mais atenção percebemos que existe uma caveira envolta numa prensa. O contraste das cores branco e preto está presente, juntamente com linhas que ficam mais espessas e formam massas de cor preta. Observa-se novamente a presença de elementos formais que se repetem em outros ex-líbris, possibilitando compreender que constituem seu estilo artístico, gosto e preferências do artista. Esse ex-líbris, figura 17, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção pessoal, no ano de 2018, utilizando-se a técnica offset.



Figura 18 – Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação da coroa na figura 18, repete-se como símbolo do universo do grafite constituindo-se como um traço que marca a identidade do artista. As linhas curvas predominam na imagem e em certos momentos tornam-se mais espessas formando massas de cor preta que se destacam com o fundo cinza e branco. A imagem no todo lembra um bobo da corte, atrás de uma nuvem. Esse ex-líbris, figura 18, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para sua coleção pessoal, no ano de 2018, utilizando-se a técnica offset.



Figura 19 – Ex-líbris de Marcelo Calheiros (2019). Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação da figura 19 traz elementos já presentes nos ex-líbris anteriores, a prensa e o livro. O formato oval irregular remete ao romantismo, com influencia do movimento art nouveau, assim como a presença de florões, e arabescos. Esse ex-líbris, figura 19, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para Anico Herskovits, utilizando-se a técnica de xilogravura.



Figura 20 – Ex-líbris de Cláudia Brandão (2019) Fonte: Acervo pessoal do artista

A representação da figura 20 remete para câmeras fotográficas que se encontram no meio da imagem. Além de envolver um ofício e hobby, reflete o gosto da proprietária do ex-líbris por gatos. O contraste das massas de cor branca com fundo preto em formas curvas, destacam a leveza das linhas que expressam o movimento dos gatos e direcionam-se para o centro da imagem que foi elaborada inicialmente no corel draw e depois transformada em carimbo. Esse ex-líbris, figura 20, foi inteiramente produzido por Marcelo Calheiros para Cláudia Brandão, utilizando-se a técnica offset e posteriormente carimbo.

A partir dos elementos visuais que compõe os ex-líbris produzidos pelo artista Marcelo Calheiros, compreende-se que há um estilo que marca o seu trabalho, como massas de cor preta em contraste com massas de cor branca, a preferência pela temática de barcos, caveiras e coroa (símbolo do grafite). Ainda, há temáticas que refletem objetos utilizados em seu ofício de artista, como: espátula, rolo, peso, pincel, prensa, prelo. Nos casos em que o

artista produziu ex-líbris para outras pessoas, as características se mantêm, assim como as linhas curvas que dão movimento as obras. Além do mais, existe a recorrência de uma técnica utilizada.

Com isso, a memória é um dos elementos que constrói a experiência artística e promove sensações. Ao ser compreendida por diferentes perspectivas, de modo pessoal envolvendo nossas memórias particulares ou então de uma maneira mais ampla, fornecendo informações a respeito de um determinado contexto envolvendo memórias coletivas, de diversos grupos. Nesse caso, a obra pode revisitar o passado, nos fazer refletir através de uma nova proposta de memória e desempenhar uma função educativa e social sobre cada indivíduo. Assim, marca nosso futuro e por isso a memória é tão importante para a construção de identidades.

Logo, a arte é um espaço de memória e de contra-memória em que os artistas desempenham um papel fundamental e abrem espaço para reflexões e possibilitam que uma gravura seja a representação simbólica de um fato, a postura crítica de um indivíduo. Nesse sentido, a arte e os artistas possuem um compromisso com a verdadeira memória em oposição ao esquecimento, que por vezes, é desejado pela história oficial.

Considerações finais

Compreende-se que os ex-líbris, além de documentarem relações estabelecidas entre o proprietário e seu livro, revelam-se espaços para salvaguardar a memória que pode reaparecer nesse objeto com um profundo valor simbólico. Ainda, como resultados de técnicas de gravuras, são considerados, por vezes, verdadeiras obras de arte em miniatura.

Com isso, essas marcas de propriedade bibliográficas têm potencial para provocar uma experiência estética e aflorar a memória social. Ainda, documentam a técnica e o estilo artístico intrínseco a um artista, que pela recorrência de elementos constituem um padrão artístico impactando assim, na sua identidade.

Por fim, o ex-líbris é um suporte para a memória a medida que registra experiências, profissões, relações sociais e estilos de vida. Logo, é um registro da cultura que embora nem sempre seja fiel a realidade carrega traços que marcaram a sociedade num determinado período e constitui sua identidade.

REFERÊNCIAS:

ACERVO PAPEIRA. Facebook: projetarg. Disponível em: <https://www.facebook.com/Projetarg/photos/a.522652534553770/1447815285370819/?type=3&theater>. Acesso em: 15 ago. 2019.

ARGAN, GAIULIO Carlo; FAGIOLO, Maurizio. **Guia de história da arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. **Ex libris**: pequeno objeto de desejo. Brasília: UNB, 2012.

CALHEIROS, Marcelo. **Entrevista concedida a Márcia Cortes**. Rio Grande, Brasil, julho de 2019.

ESTEVES, Manuel. **O ex libris**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, c1990.

MACHADO, Ubiratan. Sua excelência, o ex-líbris. In: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). **Livro dos ex-líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 9-45.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. Arte com lugar da memória. Revista Internacional Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.6, n.2, p. 106-122, jul./dez. 2009.

ORENES, Francisc. **L'exlibrismo**. [2003]. Disponível em: <http://www.bnc.cat/expos/exlibris/portada.html>. Acesso em: 05 dez. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.

STELLING, Luiz Felipe. Ex-Líbris como objeto de estudo e coleção. In: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). **Livro dos Ex-Líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 174-177.

TOTA, Anna Lisa. **A sociologia da arte: do museu tradicional à arte multimídia**. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.